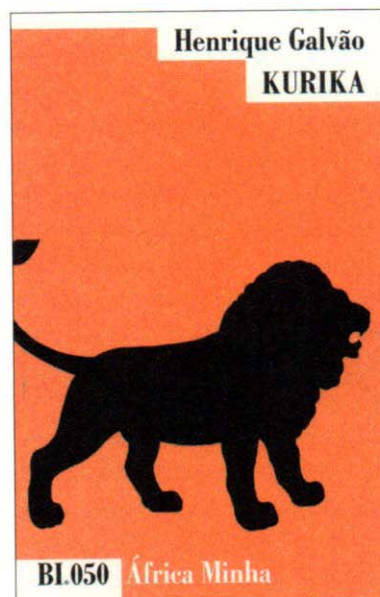


Kurika: Romance dos Bichos do MatoHenrique Galvão (*texto*)

Biblioteca Editores Independentes, 2008

Série «África Minha»

ISBN 978-972-795-254-0

Leitores autónomos

Recentemente reeditado em formato de bolso, com uma introdução de Francisco Teixeira da Mota, e novamente acessível ao grande público, *Kurika* (1.^a ed., Lisboa: Livr. Popular de Francisco Franco, 1944), romance de Henrique Galvão (1895-1970) publicado com o subtítulo de *Romance dos bichos do mato*, é, habitualmente, catalogado como obra pertencendo à produção literária de influência colonial, a que não será alheio o contexto histórico-político da sua redacção, que tem também condicionado

a sua recepção, a localização espacial da narrativa e a opção por determinados protagonistas. Contudo, a fábula dos animais aqui recriada permite a alegorização de temáticas e de universos que ultrapassam os da vivência africana. O exotismo da reconstituição espacial, com especial relevo para o sertão africano, condiciona o universo de referências, nomeadamente no que às espécies da flora e da fauna diz respeito, mas não se esgota aí. O visualismo das descrições e a intensidade da narração, que corre a um ritmo veloz, prendem a atenção do leitor que testemunha o crescimento de uma cria de leão até à idade adulta. A recriação do processo de autonomização do herói, simultaneamente doloroso e enriquecedor, feito de derrotas e de conquistas, permite aproximar a narrativa de um romance de crescimento e/ou de aprendizagem. É clara uma certa circularidade que caracteriza o percurso do herói, com um regresso parcial ao ponto de partida, restabelecendo os laços que o ligavam à comunidade humana, o que vem sublinhar a especificidade desta personagem em concreto. Neste universo de referências, a efabulação pode resultar numa aproximação mais ou menos implícita com o crescimento e amadurecimento humano, promovendo a identificação com os jovens leitores.

Neste romance, assiste-se à tematização da oposição entre liberdade e cativo, tendo como pano de fundo o apelo urgente da Natureza e dos instintos de sobrevivência das diferentes espécies selvagens, organizados segundo uma lógica particular em que as mortes resultam em vida e estas em novas mortes, num ciclo interminável mas equilibrado. Contudo, este determinismo da Natureza é equilibrado pela força dos afectos que apagam as diferenças existentes entre as espécies e permitem, por exemplo, a aproximação da macaca e do leão, ao qual serve de mãe e de protectora, assim como a relação entre Kurika e os homens.

Em traços globais, neste romance é idealizada uma certa relação do Homem com a Natureza selvagem e, em última instância, a relação do Homem com a fera e com o próprio continente africano. Acreditamos poder observar nesta narrativa uma determinada imagem das colónias africanas, dominante na sociedade portuguesa da altura, na forma como este leão parece encarnar o espírito do colonizado, dividido entre as aspirações de liberdade e o desejo de protecção. É neste sentido, por exemplo, que procedemos à leitura das hesitações de Kurika entre os dois mundos diferentes que conhece. Mas também não esqueçamos que a intervenção humana com a captura do pequeno leão cria um desequilíbrio que não volta a ser recuperado totalmente, afectando a ordem natural (e selvagem!) do mundo. Neste sen-

tido, cremos que a obra em causa não se esgota na leitura dos elementos de cor local, uma vez que problematiza alguns dos dilemas dificilmente superáveis que definem a identidade humana – a oposição entre os instintos e a razão e a perplexidade perante os riscos imensos da liberdade depois de muito tempo de cativo.

A pré-adolescentes e adolescentes de hoje, a leitura de *Kurika* permitirá, por um lado, conhecer uma fascinante realidade outra (África, Angola, a convivência entre o homem e a vida selvagem, o período colonial...) e, por outro, ler um romance bem arquitetado e escrito que constitui um dos «clássicos» da nossa literatura juvenil. Sublinhe-se, ainda, a importância deste tipo de reedições, que, além de proporcionarem uma reavaliação desses «clássicos», colocam à disposição do grande público obras há muito esgotadas e que, por isso, tendem a cair num injusto esquecimento. ANA MARGARIDA RAMOS, JOSÉ ANTÓNIO GOMES, SARA REIS DA SILVA